

Eixo: Por uma Educação pela Diversidade – Gênero e Sexualidade

Seminário Educação em Tempos de Reparação 2024

O Seminário Educação em Tempos de Reparação teve como palestrantes docentes e profissionais da Educação Básica do Colégio João XXIII, compartilhando por meio de relatos a apresentação de pesquisas, práticas e narrativas de trabalhos (concluídos ou em andamento) com enfoque na formação entre pares. Os trabalhos foram inscritos em eixos temáticos que dialogam com a reflexão sobre como podemos (re)construir a Escola. Para cada eixo foram selecionados trabalhos para apresentação oral.

Eixo: Por uma Educação pela Diversidade – Gênero e Sexualidade

Gênero e sexualidade são temas presentes na Educação desde sempre; entretanto, os diálogos sobre esses dois eixos estão atrelados a um olhar contemporâneo para a Educação e para os corpos que ocupam o espaço educacional. Ao refletir essas questões a partir do diálogo sobre gênero e sexualidade na Educação proposto por Guaraci Lopes Louro, assim como os debates suscitados por Judith Butler, bell hooks, Audre Lord, Lélia Gonzales, Teresa de Lauretis e Paul B. Preciado, este Seminário problematiza a urgência de falarmos sobre essas questões no ambiente educacional. Nele, portanto, pretende-se construir um espaço para trocas de práticas, bem como o compartilhamento de erros, acertos e tensões para a reparação de uma Educação em que se deve fazer mais do que apenas dizer. Assim, propõe-se as seguintes questões: quais mecanismos a docência têm buscado para a compreensão da expressão-vida do corpo discente? Como docentes permitem se expressar dentro desse espaço que os coloca em um local de vulnerabilidade frente às diferenças?

Trabalhos apresentados:

FUTEBOLÊS DA 1B: F de Futebol Feminino	3
Professora lésbica não-binária e os discursos da existência: olhares para e com estudantes <i>queer</i> da Escola João XXIII.....	8



FUTEBOLÊS DA 1B: F de Futebol Feminino

Joseana Rodrigues¹

Paolo Franciozi²

Palavras-chave: Alfabetização; Gênero; Futebol.

O projeto "Futebolês" surgiu na turma 1B de 2023 com base em experiências das crianças. No Colégio, elas vivenciaram um jogo de futebol vendo suas professoras como jogadoras. Assim, experienciaram a empolgação de torcer por elas e, ainda, sentiram a frustração de vê-las perder o jogo. Após o jogo, em roda de conversa, compartilharam seus sentimentos, trocaram percepções sobre diversos lances e comentaram jogadas de modo pejorativo. A habilidade feminina para o jogo de futebol foi posta à prova por algumas crianças, opinião que foi rebatida por outras. Desse modo, o assunto do futebol, sobretudo o futebol feminino, foi percebido como exploração pedagógica bastante potente para a análise da turma. Afinal, com base nas lentes de gênero e sexualidade, buscamos ler as situações de gênero como estruturas sociais e culturais.

Acreditamos que a sociedade contemporânea está cheia de pedagogias que ensinam modos de ser, pedagogias da masculinidade, feminilidade, sexualidade. Cremos que a escola deve ser espaço de construção, de negociação e valorização das diferenças.

Pensando na potência de se fazer refletir, desde sempre, a sociedade e seus modos de organização social, surgiu, assim, a pesquisa sobre futebol na turma 1B. Refletir sobre futebol, enquanto artefato cultural, nos possibilitou pensar em identidades sociais que são construídas no interior da representação, através da cultura, não fora dela. Entendendo que

¹ Pedagogia - UFRGS - Especialista em Estudos Culturais e Currículos Contemporâneos, UFRGS. Professora regente do 1º ano do ensino fundamental no Colégio João XXIII. E-mail: joseana.rodrigues@joaoxxiii.com

² Educador Físico, Educação Física - IPA. Professor de Educação Física do 1º ano do ensino fundamental no Colégio João XXIII. E-mail: paolo.pinto@joaoxxiii.com

situações são vivenciadas com base nas relações estabelecidas em diversos espaços comunitários, inclusive o escolar, pensar o futebol impulsionado pelas mulheres que praticam o esporte se definiu como nosso eixo de trabalho.

Com isso, ao longo do segundo semestre de 2023, foram desenvolvidas propostas com o intuito de proporcionar às crianças experiências significativas relacionadas a uma formação estética, sensível e ética. Essas iniciativas exploram as diversas linguagens no cotidiano, alinhadas à perspectiva de um currículo para a infância, com planejamento globalizado, vinculado ao projeto "Futebolês" da turma 1B. O projeto foi estruturado à luz da área de Linguagens, atentando aos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Arte e Educação Física. Buscou-se possibilitar aos estudantes a participação em propostas pedagógicas diversificadas, com base em conceitos significativos da área de Linguagens.

A ampliação de repertório literário foi ponto de extrema significância no desenvolvimento do projeto. As habilidades de leitura, escrita e oralidade, atentando ao ritmo, tempo de aprendizagem e hipóteses de escrita das crianças, foram eixos estruturantes durante o desenvolvimento das propostas de alfabetização. Ao longo do desenvolvimento do projeto, também foram observados artefatos e manifestações artísticas, corporais e linguísticas. A articulação e trocas entre o professor de Educação Física e a professora da turma foi fundamental para que as crianças explorassem atividades com relevância social e cultural, para que compreendessem a dinamicidade das linguagens e que percebessem que todos participam desse processo de construção de conhecimento, que está sempre em constante transformação.

Apostamos que as atividades humanas tomam sentido nas práticas sociais e que são mediadas por linguagens diversas que podem ser verbais, orais, visuais, motoras, escritas, corporais, sonoras e, na sociedade contemporânea, bastante digitais. Com base no entendimento e valorização da educação integral que leva em consideração vivências que auxiliam no desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e procedimentais, investimos nessas trocas e interações, nas quais acreditamos que as crianças vivenciam a infância com significação e constituem-se como sujeitos sociais.

No contexto da Educação Física, os estudantes foram interagindo com o futebol de maneira solidária, respeitosa e cooperativa através da dinâmica denominada "futebol de rua", que tinha como objetivo não apenas o resultado do placar do jogo, mas também compreender as relações e interações que se estabelecem em uma partida de futebol.

Em outro encontro, as meninas da equipe de futsal da Escola foram convidadas para participarem como mediadoras de um circuito de fundamentos do futebol. As estudantes relataram suas conquistas com o time do João XXIII e demonstraram suas habilidades esportivas, momentos marcantes que evidenciaram o protagonismo feminino e estudantil.

Dentre as diversas propostas realizadas, destacamos, ainda, a visita programada ao Estádio Beira-Rio e ao Museu do Inter, que visou proporcionar uma vivência enriquecedora e significativa para as nossas crianças pesquisadoras. Buscou-se oferecer recursos adicionais para que pudessem explicar, por meio de múltiplas linguagens (corporal, visual, oral e escrita), as brincadeiras, os jogos populares e as curiosidades estudadas.

Compreendemos que as nossas crianças vivem em uma sociedade plural. Elas são confrontadas por um complexo conjunto de valores e perspectivas complementares e divergentes em competição por espaço e legitimação, todas elas oriundas de lugares que subjetivam nossas crianças, sendo eles família, escola, mídia ou sociedade. Desse modo, reconhecemos, valorizamos e evidenciamos a importância da partilha das narrativas históricas para uma análise do esporte estudado, sempre ancoradas em uma perspectiva social, cultural e progressista, alinhadas com as necessidades da sociedade contemporânea.

Acreditamos que, ao longo do trabalho realizado, atravessados por nossos olhares inspirados nos estudos feministas – que nos ajudam a pensar, cotidianamente, com respeito e valorização, na luta por direitos de todas sempre com base na ideia de humanidade, sem privilegiar o operador ideológico que acaba por priorizar homens em detrimento de mulheres –, valorizamos a força do futebol feminino. Buscamos dar visibilidade para o esporte jogado por elas, ainda pouco valorizado, como sabido comumente. Marcando o desejo democrático voltado à luta por direitos das meninas no futebol, desejamos organizar propostas que colocavam o futebol em um prisma diferente

daquele que nossas crianças estavam habituadas a viver. Com as abordagens do projeto “Futebolês da 1B: F de Futebol Feminino”, buscamos trazer à tona a reflexão sobre futebol feminino e questões de gênero na infância, compreendendo a discussão como uma grande oportunidade para repensar algumas das estruturas sociais que moldam nossas práticas e estão presentes, muitas vezes, de forma cristalizada em nossa sociedade.

Neste sentido, Bell Hooks, em seu livro “o feminismo é para todo mundo – políticas arrebatadoras”, nos ajuda a pensar sobre a educação feminista como importante na vida de nossas crianças. A autora destaca que a “literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas” (Hooks, 2020, p. 46) Assim, destacamos que as leituras socializadas com foco na temática se constituíram como prática recorrente na turma e entendemos que foi estratégia potente para suscitar reflexões variadas no grupo. Vemos isso nas falas de nossas crianças, tais como: “As mulheres precisam ganhar salários grandes como os dos meninos né, profe?”, ou ainda “Não é justo o futebol feminino não ser tão famoso como o masculino. As jogadoras do Brasil são muito boas!” (notas da professora/pesquisadora). As rodas de leitura eram esperadas pelas crianças, e as conversas sobre as obras nos ajudavam a pensar contextos sociais, além da ampliação de repertório literário, que, no 1º ano do Colégio João XXIII, entendemos como fundamental para o processo de alfabetização na perspectiva do letramento. Percebemos que as histórias que trouxeram o lugar da mulher no futebol com representações positivas nos fizeram, ao longo da trajetória estruturada no projeto, compartilhar práticas e pensares em uma perspectiva feminista.

Deste modo, corroboramos com a autora Marta Pires quando afirma que “o futebol é um reflexo da sociedade, e a presença feminina nele desafia normas e reconfigura identidades”. Reforçamos que o encontro com as estudantes componentes do time de futebol escolar feminino trouxe uma perspectiva de encantamento para as crianças da turma 1B. A valorização do lugar feminino no esporte aconteceu na vivência e no estudo, quando nossas crianças enxergaram as qualidades esportivas das jogadoras e também quando estudaram personalidades reconhecidas no meio do futebol, como a jogadora Marta, eleita melhor jogadora do mundo diversas vezes. Assim, apostamos que promover

reflexão sobre espaços inclusivos e igualitários no futebol é um passo importante para construir uma sociedade mais justa, na qual todas as crianças, independentemente de seu gênero, tenham a liberdade de explorar suas potencialidades e valorizem suas diferenças. Afinal, acreditamos, assim como afirma Bell Hooks, que “o feminismo é para todo mundo” (2020, p. 48).



Professora lésbica não-binária e os discursos da existência: olhares para e com estudantes *queer* da Escola João XXIII

Carla Prestes Tassinari¹

Palavras-chave: Discurso de gênero; Estudantes *queer*; Professora lésbica não-binária.

Dra. Maria Beatriz Luce, ex-professora da Escola João XXIII, sua primeira instituição de trabalho, e atual professora de educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, disse em uma palestra para os profissionais da Escola que, à sua época de João XXIII, as palavras-chave eram "pensar e sentir, ser e conviver". Essa foi a inspiração para pensar o tema de minha comunicação: ser uma professora lésbica não-binária e os discursos da existência.

Justifica-se essa temática na perspectiva de Judith Butler quando afirma que gênero é um meio discursivo cultural a partir de uma determinação imposta pelo sexo, ou seja, definir qual é o papel do sexo feminino e do sexo masculino da sociedade. A autora diz que tanto sexo em caráter biológico "natural" quanto performance de gênero são situações igualmente impostas pela sociedade:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (BUTLER, 2010, p. 25).

Sendo essa uma discussão complexa, quais são as impressões causadas e qual a importância do pensar/sentir e do ser/conviver de uma professora lésbica não-binária em

¹ Professora de Língua Portuguesa e Redação. E-mail: carla.tassinari@joaoxxiii.com

sala de aula, principalmente para adolescentes *queer* que estão em processo de entender a sua discursividade social?

Um dos objetivos dessa comunicação fala do refletir sobre a importância da representatividade em sala de aula, que faz pensar as diferenças do ser e do existir, e quais as possibilidades do sentir por meio da convivência com discursos diversos e por vezes não habitual por imposição socialmente colocada.

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável (BUTLER, 2010, p. 195).

Além disso, cabe pensar maneiras de como a escola pode e deve ser um espaço democrático e justo para as diversas possibilidades de existências, corpos, expressões de gênero, sexualidade e demais possibilidades desse "ser e conviver".

A Pedagogia *Queer* propõe dar visibilidade à constituição histórica e cultural das normas e convenções sociais. Sua intenção, posta como uma denúncia, vem fortalecendo o debate e reflexão sobre elas, para então favorecer uma análise e compreensão dos pensamentos e práticas discriminatórias e preconceituosas, estabelecidas pelo regime de verdade do sistema heteronormativo (Blanck; Kraemer, 2021, p. 82).

O percurso dessa pesquisa dá-se a partir de vivências no espaço escolar com estudantes *queer*, a fim de perlaborar experiências junto a leituras bibliográficas e literárias que possam contribuir para a construção de conhecimento e reflexão sobre as relações que ocorrem nesse espaço educacional entre professora lésbica não-binária e estudantes *queer*.

As relações entre professores e estudantes exigem posturas e diálogos para o bom desenvolvimento do fazer educacional, mas quando um corpo *queer* ocupa o lugar de professora, são diversas as reações: curiosidade, dúvida em relação ao profissionalismo, testes de conhecimento acadêmico e de docência, mas, acima de todas essas, estão aquelas reações dos estudantes *queer* que encheram alguém também *queer* num

espaço, em certa medida, de importância e destaque. Ser uma profissional *queer* é para além do saber perguntar sem receio quais os pronomes que esses estudantes preferem utilizar e, assim, se sentirem acolhidos e abraçados, e o quanto esse olhar pode contribuir para o bom desenvolvimento em seus percursos pedagógicos.

[...] segundo Butler, “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta” (2003, p. 54). Por isso que elas precisam ser, constantemente, reconhecidas em sua autoridade, para que possam exercer os seus efeitos. As normas regulatórias, portanto, tem caráter performativo, isto é, tem o poder continuado e repetitivo de produzir aquilo que nomeiam. O discurso sobre o sexo atua sobre os sujeitos “Eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (Butler, 2002). (Blanck; Kraemer, 2021, p. 76).

A ideia de corpos feitos de discursos que não se conformam é um caminho interessante para se pensar uma educação não-binária, inclusiva, democrática e acolhedora. Não é a toa que uma das minhas experiências recentes na Escola é perceber os corpos *queer* ocupando espaço no novo clube Oficina de Escrita Criativa: me chamou atenção a maneira que organicamente, e em tão pouco tempo, me uni a esses estudantes em um lugar onde há espaço para expressar livremente seus discursos para além de uma imposição discursiva social. É sobre essa e outras situação que essa comunicação exige um olhar reflexivo, pois “a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, faz aquilo que nomeia, produz os corpos e os sujeitos” (Louro, 2001, p. 44).

Referências:

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Tradução de Regina Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BLANCK, Marcelo; KRAEMER, Celso. Teoria queer e educação. **Revista de Educação Inclusiva**, Vol.5, Núm.2, 2021, p.60-91, Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/520312801.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2024.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pósestruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

